

BIODANZA A ECOLOGIA DO HOMEM

Carlos Manuel Dias¹

Temos que escolher algum começo para a história da Humanidade, embora tenhamos poucas e imprecisas informações. Antropólogos mais sisudos situam o primeiro ancestral hominídeo a cerca de 4 milhões de anos; no outro extremo há os que dizem datar de 1 milhão de anos o mais antigo dos nossos congêneres. De qualquer maneira será esta a medida de tempo que usaremos a partir de agora: centenas de milhares de anos, dezenas de milhares de gerações.

A princípio o Homem era provavelmente um catador, em pequenos bandos de 10 ou 15 indivíduos e suas famílias, vivendo nas savanas de maneira nômade, comendo o que encontrava, caçava com as mãos ou roubava de outros catadores e caçadores menos eficientes. Uma outra espécie que se desenvolveu no mesmo lugar e ao mesmo tempo, o babuíno das savanas, representa hoje bem proximamente a idéia do primeiro hominídeo. O período era o Paleolítico Inferior.

Qualidades que a Natureza se encarregou de desenvolver, sob pena de morte dos não adaptados: autodefesa do clã, onivorismo (comer de tudo), hierarquia dentro do próprio grupo, aprendizado com a experiência e transmissão deste aprendizado.

¹ Facilitador Didata, Diretor da Escola de Biodanza de Caxias do Sul

O tempo passado neste primeiro estágio foi longo. Considerando uma base de 1 milhão de anos, foram aproximadamente 850 mil anos ou 40 mil gerações (de cerca de 20 anos cada) de adaptação ao meio, sempre sob a férrea lei da Natureza: se adapta ou morre, e conseqüentemente deixa de transmitir aos descendentes seu código genético "pessoal" ou seu fenótipo. Podemos depreender daí que, em tempo biológico (tempo necessário para modificações estruturais e de comportamento inato), que é muito mais longo que o tempo que estamos acostumados a vivenciar, a base genética, cromossômica, sobre a qual as mais remotas culturas operaram, foi a mesma.

Em um estágio posterior, o Paleolítico Médio, entre 150 mil e 10 mil anos atrás, desenvolveu-se o Homem de Cro-Magnon, espécie mais próxima de nós, e o Homem de Neanderthal, mais afastado.

As características desta época, do ponto de vista do comportamento, eram quase iguais às anteriores. Do ponto de vista físico, o polegar opositor retirou dos dentes a responsabilidade do ataque e da defesa; a face passou a ser a região nobre para a visão, audição, olfato.

Ao mesmo tempo, novas e intrincadas ligações motoras se desenvolviam no cérebro, para dar vazão à recém descoberta possibilidade de uso de ferramentas. A primeira ferramenta foi uma arma de mão, fundamental à sobrevivência; já a maior revolução da antigüidade foi o arco e a flecha, que propiciou a hegemonia sobre a natureza sem arriscar a vida de seu portador.

Baseado nestes dois inventos, possíveis graças ao polegar opositor e ao telencéfalo desenvolvido, o Homem, bastante rapidamente do ponto de vista biológico, tornou-se hegemônico, exterminando seus competidores. Nesta época, houve uma mudança fundamental para a compreensão dos instintos agressivos do Homem: o competidor direto deixou de ser o meio para ser a tribo vizinha, congênera.

No período subsequente, o Paleolítico Superior, se desenvolveu a cultura como a conhecemos. A espécie já era como é hoje, o *Homo sapiens*, com suas diversas raças, a maioria já extintas. O Homem, já forte e podendo se defender, criou raízes. A agricultura nas-

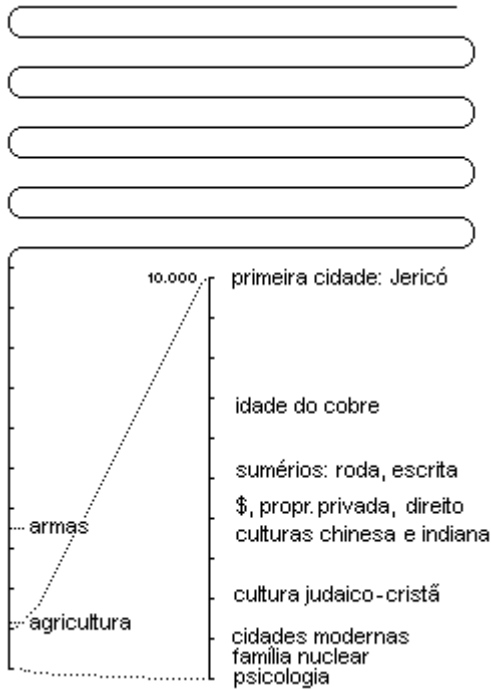
ceu a cerca de 12 mil anos, na China. As primeiras cidades surgiram há 8 mil anos, com o comércio.

A sucessão de inventos toma um ritmo alucinante: o dinheiro existe há 7 mil anos e a propriedade privada nasceu junto com o direito, na mesma época. Cidades urbanizadas existem desde há 6 mil anos mas, mesmo Babilônia e Jericó, não passavam de 30 mil habitantes. A escrita existe há 10 mil anos.

Chegando mais próximo e procurando não sentir vertigens: as megalópolis de 1 milhão de habitantes existem há 50 anos; a família nuclear (pai, mãe e filhos), vivendo sob o mesmo teto, é fato que não existia há mais de 200 anos; geladeira, 50 anos; televisão, 30 anos; microcomputador, 10 anos.

A propósito: o casamento é uma instituição inventada quando a média de vida da Humanidade não passava dos 35 ou 40 anos. (Não obstante, foi inventado ao mesmo tempo por todas as culturas conhecidas). Nesta idade já éramos anciãos, os notáveis da tribo, os mais velhos.

Figura 1: *Linha imaginária no tempo, abrangendo 1 milhão de anos. A escala teria 2m se "esticada". Cada divisão representa 10 mil anos. Se acrescentássemos o tempo de evolução do "cérebro mamífero", cerca de 50 milhões de anos, a linha teria 100m; teria 1600m se somássemos a idade do Sistema Límbico ou "cérebro reptiliano" (400 milhões de anos)*



Tomando o *tempo biológico*, relativo ao último milhão de anos, como 100%, poderíamos situar os eventos abaixo da seguinte forma:

- Savanas 85%
- Cavernas, fogo 14%
- Agricultura 1,2%
- Cidades antigas 0,6%
- Dinheiro, propriedade privada, direito 0,7%
- Família nuclear 0,02%
- Cidades modernas 0,005%

- Televisão 0,003%
 - Computador 0,001%
 - Manipulação genética 0,0005%
- (Leia-se : 85% do tempo, 14% do tempo, etc)

Vendo desta perspectiva, fica mais clara a opinião do velho mestre Konrad Lorenz, fundador da Etologia: Por mais que queiramos muito não mais pertencer ao mundo animal, não mais respeitar as leis da Natureza, ela vive em nós, na palpitação de nosso sangue e em cada pequena recriação da vida que fazemos.

Fica evidente que a casca de Cultura é muito fina, mais do que a pele de um pêssego em contraste com todo ele, e que, a menos que descubramos todo o sabor do pêssego, o aceitamos e inventemos novas maneiras evolutivas de elaborá-lo, ficaremos presos a condutas paleolíticas que perderam há muito o seu significado.

Na verdade, o que temos que descobrir é, dentro do nosso padrão genético e comportamental, aquilo que é evolutivo e o que não é; descobrir o que fará o Homem fazer novas guerras, quentes ou frias, e o que deflagrará novamente a evolução da espécie, transformando a nós mesmos nesta recriação.

É exatamente isto que a Biodanza propõe: a recriação de nós mesmos com base no nosso potencial genético, lançando mão de exercícios que, basicamente, induzem a vinculação consigo mesmo, com o outro e com a Natureza; lançando mão do conhecimento e elaboração das nossas "fomes" antropológicas, os instintos; e propondo uma maneira evolutiva para lidarmos com nós mesmos: o referencial permanente da integração afetiva.

Homo Sapien, Homo

Faber, Homo Ludens

Homo sapiens (homem que sabe)

Se passarmos uma olhada pelos pensadores não naturalistas, veremos uma coisa em comum: velada ou abertamente, de Platão a Kant, todos fazem uma apologia do homem, da razão, do pensamento. A própria designação *Homo sapiens*, homem que sabe, dá o tom da opinião que temos de nós mesmos. O intelecto, o conhecimento, é supervalorizado, como ferramenta que nos fez ser hegemônicos. E criou a civilização como ela é hoje: suicida com os recursos naturais (água, ar, ozônio), aguerrida nos ódios tribais (Nacionalismo xenófobo), espoliativa com os mais fracos (Imperialismo, de Roma à América), cancerosa no desenvolvimento (cidades em desenvolvimento descontrolado, com cinturões de miséria). Bela criação para o que se considera ser o pico da realização humana!

Homo faber (o homem que fabrica)

Um segundo grupo de pensadores mais burocratas crêem que a maior invenção humana foi o polegar opositor que, somada à notória curiosidade dos nossos irmãos macacos, nos trouxe possibilidades inusitadas de tecnologia. Seria essa a maior invenção que tivemos até agora; através dela, é possível a medicina, a química, o progresso, enfim.

A geladeira, o forno de microondas, o computador, o automóvel, o ar condicionado, a piscina, a televisão, o telefone celular, a viagem à Lua. Para 10 % da população mundial, é claro. Uma só criança nascida nos EEUU consome o que seria necessário para 40 outras da África. Enquanto o Ocidente luta arduamente contra a obesidade, o Oriente, a África, terceiro, quarto e quinto mundos, têm fome. P'ra que mesmo serve a tecnologia?

Para *quem* mesmo serve a tecnologia? Qual o preço da tecnologia e do progresso? Mal passada a ECO 92, e chegadas as eleições no Brasil, não ouvi ninguém questionar o modelo de desenvolvimento baseado no progresso e na tecnologia, este rolo compressor stalinista que tudo destrói para deixar no lugar somente alguma im-

pressão de expansão- e monitoramento. A tecnologia nunca trouxe nenhum acréscimo espiritual à humanidade. Trouxe, e com segurança, a hegemonia completa que fez com que parasse de se ver como participante da Natureza. Discutiremos isso mais adiante.

Homo ludens (Expressão que achei para designar o homem lúdico, o homem que reaprendeu a brincar consigo mesmo, que atingiu a criança divina, que uniu sexo e afeto e age a partir do centro afetivo-sexual integrado)

A terceira forma de olhar a evolução está sendo dada pelos naturalistas e pensadores humanistas como Lorenz, Eibensfeldt e outros.

A noção básica de pico da evolução desaparece; no seu lugar, aparece o conceito de função hegemônica no momento. Uma função pode ser mais importante num momento da evolução; logo após, pode deixar de sê-lo, dando lugar a “invenções” mais recentes, adequadas a novas circunstâncias que antes não existiam. Ou seja: o homem (ou qualquer outro ser) não é um produto acabado, é um organismo em contínua evolução biológica, que constantemente descobre coisas novas que soma ao que já dispunha. A mutação continua; e é necessário que assim o seja, pela constância da lei geral que rege os fenômenos biológicos, mutação e seleção.

Dentro destas descobertas altamente diferenciadas que o homem fez, é notória a singularidade de uma: a integração afetivo-sexual.

Nos animais (praticamente sem exceção) a sexualidade e o afeto são separados. O afeto aparece, geralmente, como comportamento adaptado, relacionado aos cuidados com as crias. Situações como “se fazer de filhote”, alimentar na boca, trazer presentes, muito comuns nos pássaros, são exemplos disso. Tem função de sobrevivência, pois se as crias não forem protegidas, perecerão. O cuidado com as crias faz cessar o comportamento sexual ativo; na maioria das espécies, afasta o que antes era um casal, ou parecia sê-lo.

Já o comportamento sexual da quase totalidade das espécies é bem previsível: existe só durante a maturação da fêmea, a fase de estro ou cio.

Nesta fase, todas as outras funções perdem o sentido, tudo no indivíduo se curva ao impulso sexual, que é intenso e breve. Depois de um curto interlúdio, cessa para só voltar na nova estação de procriação.

Pois o homem teve a felicidade, creio eu, de inventar essa singularíssima união entre sexo e afeto, juntando o que antes era separado. Tal “inventor” não existe em nenhum outro lugar da Natureza. Ao ler os textos de Rolando Toro sobre a supremacia do centro afetivo, logo me ficou claro o porquê.

O centro afetivo sexual integrado é uma descoberta recente do Homem, não disponível a todos sem um aprendizado específico. Aprendizado que envolve absolutamente o desenvolvimentos das nossas capacidades mais evoluídas: a expressão da identidade; a sensibilidade perante a vida; a auto-regulação e progressividade em *feed back*; o orgasmo, a fusão amorosa.

Seria lícito, neste momento, perguntarmo-nos: que tipo de mundo construiríamos com base na felicidade de um centro afetivo-sexual integrado? O que quereríamos para nossos irmãos? Como nos organizaríamos se fosse este o parâmetro? Este valor, mais do que qualquer outro, deve ser no momento atual considerado como o ramo evolutivo a ser seguido, a linha pela qual nos reergueremos e nos transformaremos em seres realmente humanos.

Como disse Lorenz:

“Todos os fatores exteriores que levam a uma evolução criativa foram postos fora de ação, só temos certeza que o futuro da humanidade será determinado por processos que se desenrolam unicamente dentro do próprio Homem. Ou se se tornará uma comunidade de seres realmente humanos

ou uma organização de seres desumanizados novamente irresponsáveis, depende exclusivamente de nós” (Agressão, pg. 70).

Se estivermos integrados afetivamente, alguém nos conseguirá levar à guerra? Alguém nos levará a correr desenfreadamente, em louvor ao Deus Progresso? Alguém nos fará guardar mais do que precisamos, enquanto outros tem pouco?

Como dizem os Titãs, na letra de Arnaldo Antunes:

Comida é pasto

Bebida é água

Você tem fome de quê?

Você tem sede de que?

Eu tenho a fome ancestral e urgente de plenitude, de fusão amorosa, de êxtase. E quando esta fome está aplacada, nenhuma outra vem. Nem a tecnologia, nem o progresso, nem os feitos intelectuais apagam o brilho deste achado; na verdade, quando estamos submersos nele é que se revela o verdadeiro e oportuno ser, nos quais com o tempo nos transformaremos.

E Biodanza trabalha em cima deste princípio. Eu diria que criou uma “tecnologia do afeto”. Propõe que nos desmecanizemos, escutando nossos ritmos, os ritmos que nos cercam, os da Natureza, dentro e fora de nós. Propõe que a atividade puramente cerebral, sem vinculação afetiva, é a patogenia básica de nossa época. Nos mostra, através da vivência, o caminho do êxtase, da plenitude, a partir de nós mesmos, não da civilização. Propõe situações em que o que é pedido é que sejamos verdadeiramente nós mesmos e busquemos o melhor em nós. Biodanza encontrou o meio evolutivo, de novo; encontrou a maneira com que podemos viver mais e melhor, reforçando

nossas qualidades mais superiores. Decorrem daí, possibilidades inusitadas; outros caminhos se abrem em todas as áreas, não só de crescimento pessoal, mas se seguirmos o mesmo princípio, de política, de economia, de tecnologia, de crescimento sustentado.

Fico às vezes pensando no tempo em que vivia nas comunidades rurais. Que instrumento de trabalho vivencial! Logo me vem ao coração o que faria na vida dos mais de 600 kibutz em Israel o fato de se oportunizar um canal de experiência hedonística, transformadora, que ao mesmo tempo é ancestral e visceral na leitura das “fomes” antropológicas, os instintos, e moderna e atual, até futurista, na proposta de organização vivencial, política e de desenvolvimento.

É uma pena que não haja mais naturalistas em Biodanza. A visão ainda é excessivamente formal, feita por pessoas que, raras exceções, são parte da cultura dominante nas cidades. Ecologia é um tema obrigatório mas distante, dissociado. Ainda é um problema das baleias do Norte, dos pingüins da Antártida. Longe, geral e inacessível, características estas que a mídia se encarregou de nos convencer.

Ecologia em nós, Natureza em nós, esta deve ser a proposição em Biodanza. Busca tua ação por preferência, que é o nome da seleção natural darwiniana na Biodanza. Busca teu referencial interior e respeita teus humores, que se chama auto-regulação entre nós, e é a outra Lei da Vida.

Cria em ti a progressividade em *feed back*, meios pelos quais todas as criaturas surgiram e proliferaram até hoje. Sê sensível perante a vida, renovando a vocação adaptativa que sempre nos guiou e que a hegemonia não-integradora pôs em desuso.

Auto-regulação e progressividade em *feed back*, assim mesmo, numa frase só. Sinônimo, no homem, da lei geral que guia o desenvolvimento das espécies, seja fisiológico, etológico ou até cultural, a mutação e seleção. Ao propor com clareza estes princípios estamos novamente entrando na corrente da Vida, novamente nos tornando adaptativos e não-hegemônicos, e nos tornando aptos a descobrir o que mais a vida nos reserva.

Paralelismo entre as Diretrizes de Biodanza e as Leis da Vida

Sugeri, anteriormente, a frase “progressividade e auto-regulação em *feed-back*”, própria do modelo teórico de Biodanza, como chave de compreensão do modelo evolutivo do Homem.

Este modelo, ao meu ver, é perfeitamente apropriado às leis naturais mais gerais. Tentarei demonstrar isto a seguir.

Se um modelo se aproxima do que chamamos Lei Natural, ou seja, o conjunto de regras bastante gerais que regem a evolução na Natureza, deve ser demonstrável em qualquer situação que se examine.

Tomarei alguns exemplos:

Em todas as curvas, o número **1** indica um momento em que a espécie em questão, se auto-regulando e em progressividade, em *feed-back* positivo, está crescendo:

No caso A, a população de vírus cresce antes que a resposta orgânica seja adequada e dê *feed-back* negativo.

No caso B, a população de lebres tem uma explosão populacional, provavelmente devido ao aumento da quantidade de alimentos na estação. Serve, um pouco a seguir, como motivo de uma explosão populacional entre as raposas, pelo mesmo motivo.

No caso C, os ciclos se repetem com amplitude cada vez menor, sugerindo um equilíbrio parasitário.

No caso D, o *feed-back* positivo é presente até que termina o alimento e todos morrem de fome.

Em todas as curvas, o número **2** indica um momento em que a espécie em questão, se auto-regulando e em progressividade, em *feed-back* negativo, está sofrendo uma diminuição populacional!

No caso A, quando as defesas orgânicas “lêem” os antígenos do vírus e se armam contra eles;

No caso B, quando a comida começa a escassear para ambos os grupos, sejam vegetais no caso das lebres ou lebres no caso das raposas;

No caso C, quando as respostas orgânicas e o poder de auto-cura instintiva (o cão come certas ervas, p.ex.) vão se adaptando à presença do invasor;

No caso D, quando o alimento acaba, morrem todas as lagartas, sem se transformarem em pupas.

O que se depreende daí ? Que o incremento positivo ou negativo sem *feed-back* não existe. O caminho das grandes cidades parece ser a destruição. A ideologia do crescimento desenfreado leva ao caos, como no exemplo D. E muito mais, que não cabe aqui no momento.

Além do mais, no caso B, a interdependência entre *feed-back* e potencial genético de expressão populacional faz com que os dois picos de população se distanciem no tempo; é a função da progressividade. Além disso, a distância (constante) entre as duas linhas parece indicar a auto-regulação a nível de espécie.

No caso C, os ciclos vão diminuindo a amplitude até pararem de oscilar, o que indica auto-regulação, no caso, entre duas espécies (o parasita e o hospedeiro).

No caso A, a população dificilmente vai a zero: permanece em equilíbrio dinâmico com as forças do meio até surgir um desequilíbrio funcional.

Mas o que importa isto para a Biodanza?

Importa porque cada pequeno ato nosso, se guiado pela percepção da lei natural traduzida por “progressividade e auto-regulação em *feed-back*”, nos leva a uma resposta adequada ao meio.

- Quando abraças alguém e recibes *feed-back* positivo, podes fundir-te mais com esse alguém; se o *feed-back* é dúbio ou negativo, indica falta de progressividade de um dos dois ou de ambos.

- Quando instalas uma empresa e tens retorno financeiro adequado, progrides; quando o retorno é débil ou negativo, mudas de

premissas empresariais ou mudas de atividade produtiva.

- Quando constróis a tua casa, percebes se te dá prazer (*feed-back* positivo); se não, mudas de projeto e torna-o adequado a ti.

- Quando um peão sai a cavalo, estabelece uma relação completa e complexa de *feed-back* com sua montaria, de maneira que mesmo a mais sutil inclinação do corpo de cada um é percebida pelo outro, e vice versa, o que permite que se “aparte o gado” a cavalo, tarefa fácil se a comunicação entre o conjunto é perfeita; se não é, alguém pode quebrar o pescoço.

- Quando a quantidade de alimentos que um país produz é proporcional ao número de habitantes, e quando o crescimento populacional é acompanhado de proporcional aumento de safra, crédito agrícola, insumos necessários, temos *feed-back* positivo; caso contrário, teremos fome, miséria, etc., isto é, *feed-back* negativo.

Resumindo: poderia ficar o dia inteiro escrevendo exemplos das leis naturais contidas nas palavras “progressividade e autorregulação em *feed-back*”. Pela simples razão de que para todo lado que eu olho, enxergo a comprovação do modelo pela realidade.

No Modelo Teórico de Biodanza aparece em primeiro plano a pulsação da identidade, se expressando em um momento, se sentindo em outro, em cada uma das linhas de vivência, indicando a concordância com a lei natural: tanto nossos processos fisiológicos como culturais são condicionados pela mutação e seleção aplicadas à vida. Entre nós, na Biodanza, isto se chama progressividade e regulação em *feed-back*.

Teste de campo:

Considerando as formulações anteriores, achei que um teste de campo traria mais luz ao assunto. Organizei o teste da seguinte maneira:

A- Escolhi três exercícios de Biodanza que, ao meu ver, têm claro conteúdo etológico, de comportamento inato:

1. *Grupo Compacto de Acariciamento*, porque me parece claro que experienciamos esta situação por mais de 500 mil anos, nas cavernas, protegendo-nos mutuamente do frio e do medo generalizado de tudo que nos cercava;

2. *Dança do Guerreiro*, porque está presente em absolutamente todas as culturas, na glorificação da força tribal através da potência do guerreiro;

3. *Roda de Comunicação com Samba*, porque a existência de rodas de celebração mútua também tem caráter geral em todas as culturas.

B- Escolhi três perguntas que traduzem a proposição ecológica da Biodanza:

1. Sobre sensibilidade perante a vida, necessidade ecológica primeira, presente em todos os níveis de vida vegetal e animal;

2. Sobre progressividade, anexo a anterior;

3. Sobre *feed-back*, pelas mesmas razões anteriores.

Apliquei o questionário a alunos de Biodanza com mais de dois meses de classe. Omiti os dados sobre a distribuição deste segundo critério de tempo de Biodanza por não ser necessário ao estudo em questão. Considerei como relevantes respostas com 50% ou mais das pessoas pesquisadas. Organizei os dados em forma decrescente para facilitar a leitura.

Modelo de teste aplicado:

A- Que emoções são mais comuns nos seguintes exercícios:

1. *Grupo Compacto de Acariciamento* ?

2. *Dança do Guerreiro* ?

3. *Roda de Comunicação com Samba* ?

- (01) Raiva
- (02) Integração
- (03) Afeto
- (04) Ímpeto
- (05) Medo
- (06) Leveza
- (07) Sensualidade
- (08) Força
- (09) Eutonia
- (10) Calor
- (11) Receptividade
- (12) Agressão
- (13) Ímpeto
- (14) Aconchego
- (15) Intimidade
- (16) Comunhão
- (17) Alegria
- (18) Tristeza
- (19) Potência
- (20) Dinamismo
- (21) Harmonia
- (22) Plenitude(
- 23) Tesão
- (24) Dissolução de barreiras
- 25) Conexão com o outro

- (26) Afeto indiferenciado
- (27) Conexão íntima
- (28) Vitalidade
- (29) Abandono prazenteiro
- (30) União

B1- Ao fazer Biodanza, minha sensibilidade perante a vida:

ficou como estava []

cresceu [] diminuiu []

B2- Ao fazer Biodanza, minha progressividade (percepção que as situações podem levar tempo para amadurecer, respeitar o tempo certo:

ficou como estava []

cresceu [] diminuiu []

B3- Ao fazer Biodanza, minha receptividade ao *feed-back* (mecanismo que regula a comunicação, estabelecendo linhas de mão dupla, em que escuto melhor tudo o que me rodeia e ao mesmo tempo expresso melhor o que necessito):

ficou como estava []

cresceu [] diminuiu []

Resultados:

Total: 54 testes respondidos.

A1- Grupo Compacto de Acariciamento.

| EMOÇÃO | Nº | % |
|----------------------|----|----|
| Afeto | 46 | 85 |
| Aconchego | 43 | 79 |
| Conexão c/ o outro | 36 | 66 |
| Afeto indiferenciado | 36 | 66 |
| Receptividade | 31 | 57 |
| Integração | 30 | 55 |
| Sensualidade | 30 | 55 |

A2- Dança do Guerreiro

| EMOÇÃO | No | % |
|------------|----|----|
| Força | 46 | 85 |
| Potência | 43 | 79 |
| Ímpeto | 37 | 68 |
| Vitalidade | 34 | 62 |

A3- Roda de Comunicação com Samba

| EMOÇÃO | No | % |
|-----------------------|----|----|
| Alegria | 49 | 90 |
| Íntegração | 34 | 62 |
| Sensualidade | 32 | 59 |
| Dinamismo | 28 | 51 |
| Vitalidade | 28 | 51 |
| Abandono prazenteiro. | 27 | 50 |

B1- Ao fazer Biodanza, minha sensibilidade perante a vida:

| RESPOSTA | No | % |
|-------------------|----|----|
| Ficou como estava | 3 | 5 |
| Cresceu | 51 | 95 |
| Diminuiu | 0 | 0 |

B2- Ao fazer Biodanza, minha progressividade:

| RESPOSTA | No | % |
|-------------------|----|----|
| Ficou como estava | 4 | 8 |
| Cresceu | 50 | 92 |
| Diminuiu | 0 | 0 |

B3- Ao fazer Biodanza, minha receptividade ao *feed-back*:

| RESPOSTA | No | % |
|-------------------|----|----|
| Ficou como estava | 5 | 10 |
| Cresceu | 49 | 90 |
| Diminuiu | 0 | 0 |

Discussão dos Resultados:

1. O Grupo Compacto de Acariciamento desperta, em mais de 60% das pessoas, o afeto, o aconchego, a conexão com o outro e o afeto indiferenciado, confirmando as premissas de vivência etológica, ou seja, as pessoas respondem bastante uniformemente à sua execução;

2. A Dança do Guerreiro desperta a força, o ímpeto, a potência e a vitalidade em mais de 60% das pessoas por motivos, ao meu ver, etológicos;

3. A Roda de Comunicação com Samba desperta a alegria, a integração e a sensualidade em mais de 60% das pessoas pelos mesmos motivos anteriores;

4. A sensibilidade cresce para 95% dos entrevistados;

5. A progressividade cresce para 92% dos entrevistados;

6. A receptividade ao *feed-back* cresce para 90% dos entrevistados.

As conclusões 4, 5 e 6 são veementes no sentido de clarear a vinculação ecológica proposta anteriormente.

Conclusão Final:

Biodanza pode ser proposta como Ecologia do Homem, pois respeita informações genéticas contidas nas disposições inatas da espécie; além disso, desenvolve claramente as disposições ecológicas de maneira evolutiva.

Bibliografia:

LORENZ, Konrad. *A Agressão*. Ed. Brasiliense,

LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado*. Eb. Artenova, 1974.

LORENZ, Konrad. *A Demolição do Homem*. Ed. Brasiliense, 1986.

EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. *Amor e Ódio*. Liv. Bertrand, Lisboa, 1970.

EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. *Etologia*. Ed. Artenova,

EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. *Calor de Hogar*. Ed. Palmarinca, Barcelona,

TORO, Rolando -Tomos de Biodanza (Cletânea de Textos de Biodanza)